

Cumbuca

Aracaju - Ano VI - Nº 17 Março/18 - R\$10,00



 **EDISE**



Expediente

Editor

Amaral Cavalcante

Produção

Cândida Oliveira

Design Gráfico

Carol Patriarca
Cícero Guimarães
Liz Carvalho

Revisão

Yuri Gagarin

Coordenador de Pré-impressão

Marcos Nascimento

Gerente Editorial

Jeferson Melo

Colaboradores - Neste Número

Sayonara Viana (designer gráfico) • Antônio da Cruz (artista plástico) • Izabel Nascimento (cordellista) • Matheus Brito (colaborador) • Antônio Nahud (escritor)
• Jane Guimarães (poeta) • Marcelo Ribeiro (poeta) • João Gama (articulista) • Luiz Gonzada de Andrade (presidente da Abio) • Ricardo Roriz (presidente da Segrase) • Milton Alves (diretor industrial da Segrase)

Cumbuca

Ano VI | Número 17

cumbuca@segrase.se.gov.br

(79) 3205-7421/7400

Rua Propriá, 227 - Centro

Aracaju - SE

CEP: 49010-020



Governo do Estado de Sergipe

Governador

Jackson Barreto

Secretário de Estado de Governo

Benedito de Figueiredo

Secretário de Estado da Comunicação

José Sales Neto



Serviços Gráficos de Sergipe

Diretor-Presidente

Ricardo José Roriz Silva Cruz

Diretor Industrial

Milton Alves

Diretor Administrativo-Financeiro

Filadelfo Alexandre Silva Costa

A Revista Cumbuca não se responsabiliza por conceitos emitidos nas matérias assinadas.

Cumbuca conta com o apoio da Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado de Sergipe.

carta ao leitor

Em suas mãos a 17ª Revista Cumbuca, publicada pela Editora Diário Oficial de Sergipe – EDISE/SEGRASE - órgão mantido pelo governo estadual com a missão de divulgar a produção literária e as manifestações culturais em nosso meio.

Já no seu 6º ano de circulação, Cumbuca continua seletiva na escolha dos seus colaboradores e oferecendo aos leitores um documento de acurado apuro gráfico com design absolutamente inovador e uma arquitetura editorial que privilegia a modernidade sem se descuidar da valorização das nossas tradições.

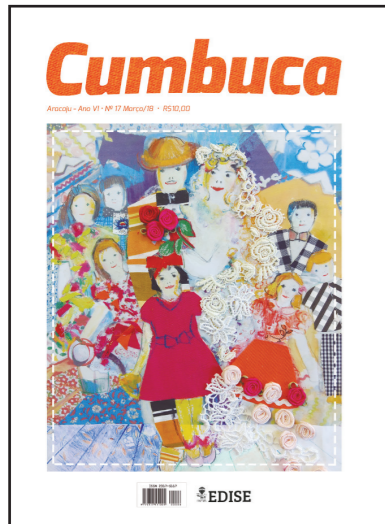
Aqui, além de importante painel da vida cultural e artística dos sergipanos, reúnem-se o pensamento vivo e inovador da mais nova geração de intelectuais ao lado do respeitável registro da contribuição prestada por destacadas figuras do nosso passado, responsáveis pela formação cultural da nossa gente.

Nesta edição, prestamos uma especial homenagem aos integrantes da Associação Brasileira de Imprensa Oficiais – ABIO – que realiza, em Aracaju, nos dias 15 e 16 de março a sua primeira reunião institucional neste ano de 2018.

Ao lado das manifestações escritas pelo Presidente da SEGRASE, Ricardo Roriz e pelo Diretor de Desenvolvimento Industrial, Milton Alves, somam-se as boas vindas de toda a equipe que produz esta Revista.

Boa leitura

Amaral Cavalcante - Editor



Capa:
Arte - Hortência Barreto
Designer - Carol Patriarca



Feitas de pano
Sayonara Viana

04

Cybele Ramalho
Antônio da Cruz

14

O cordel em Sergipe
Izabel Nascimento

18



Democratização da poesia e das ruas
Matheus Brito

24

Elizabeth Bishop no Brasil
Antônio Nahud

32

Jaime Araújo
João Gama

50



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSAS OFICIAIS

16 de m.

56

60

64

Meu caminho pela Abio...
Milton Alves

O crescimento da Imprensa Oficial de Sergipe
Ricardo Roriz

Importância da Imprensa Oficial
Luiz Gonzaga de Andrade

42 - Poesia
Jane Guimarães
Marcelo Ribeiro

Errata: a matéria "Ilma Fontes - a memória de Alvaro Santos", publicada nas páginas 36 e 37 da edição nº 16, é de autoria de Sandra Natividade.

su
m
ár
io



feitas de
pano

As bonecas de pano são ícones que nos remetem a infância, muitas vezes identificado ao passado e à cultura das cidades interioranas. Ganham vida entre outros que materializados em tecidos e rendas revelam a memória afetiva das artesãs que ressignificam elementos da cultura popular.

por Sayonara Viana



O papel fundamental desses objetos artesanais é testemunhar a vida e valorizar o cotidiano. Pode-se ver também, que ligada ao ato de brincar ou em cerimônias e costumes a figura simbólica do homem, nos remete à boneca, demonstrando a sua importância para estudos da psicologia, antropologia e cultura popular. Tendo forte ligação com as tradições, as lendas, a religião e os costumes culturais, ela é encontrada em todos os países e em várias épocas do desenvolvimento socio-cultural da humanidade.

No Brasil, elas chegaram com a família real em 1808 e com ela também chegaram as 'bruxas de pano'.



Arte de Hortência Barreto.

“Essas bonecas ainda guardam características tradicionais como, por exemplo, ‘os olhos de retrós.’”



Parafrazeando Câmara Cascudo no Dicionário do Folclore Brasileiro (p.75):

“As bonecas de pano, ‘bruxas’, brinquedos de criança pobre, indústria doméstica, precária e tradicional no Brasil, são documentos expressivos da Arte Popular, indicando as preferências por determinadas cores, feitos de trajes, tipos antropológicos, índices da seleção indumentária da região de fabrico”.

Em São Cristóvão, esse cenário lúdico é formado por bonecas morenas, loiras, negras, grandes, pequenas e são produzidas com o carinho de peças únicas.

Desde 2011 com o projeto “Sala dos Saberes e Fazeres” da Secretaria Municipal da Cultura e do Turismo, coordenado pela folclorista Aglaé Alencar e pela professora Maria da Glória Santos e teve como facilitadora a artesã Tânia Aguiar, nesse projeto esse cenário ganhou novos personagens, são os brincantes dos oito folguedos e danças que fazem parte do folclore sancristovense: A Caceteira, O Reisado, A Langa, A Chegança, O Samba de Coco, A Taieira, Os Bacamarteiros e o São Gonçalo. Sobre esse período, a artesã Carmen Veronica lembra que: “foi um projeto que realizou os meus sonhos e aprendi com a professora Aglaé que tudo passa e a Arte fica”.

As bonequeiras seguem o modelo/molde do corpo das bonecas pequenas que foi ensinado durante as oficinas do projeto.

Os demais moldes, ou seja, os moldes das bonecas maiores (médias e grandes) já foi uma elaboração das próprias artesãs ampliando o molde inicial, não ocorrendo diferença entre o corpo da boneca e do boneco. De acordo com a bonequeira Maria de Lourdes Silva Lopes: “o corpo é o mesmo, afina o rosto do homem, da menina não”.

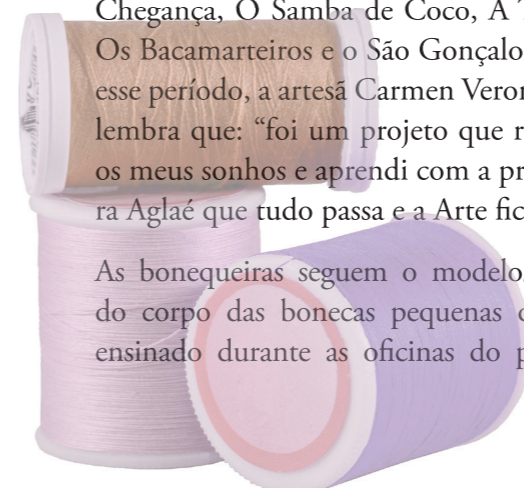
Os tecidos para vestir os bonecos são de algodão (popeline e chita), cetim e oxford, esse geralmente empregado para confeccionar a roupa dos bonecos que representam os noivos.

Esses tecidos de algodão podem ser lisos, coloridos, estampados, xadrez, de bolinhas, listrados, floridos, adornados com lantejoulas e fitas; as artesãs vestem os bonecos com o traje do grupo folclórico que elas estão representando.

Essas bonecas ainda guardam características tradicionais como, por exemplo, “os olhos de retrós” (olhos bordados em linha de algodão ou de seda).

Ao vestir a boneca de pano com a roupa da Chegança as artesãs preservam a tradição e traz a cena um folguedo que era muito comum na festa de reis realizada na cidade no século XIX pesquisado e publicado em seu livro ‘Devotos Dançantes’ pela antropóloga Beatriz Gois Dantas (2015, p.122) que o descreve como um:

“Auto popular constituído de várias par-





tes ou jornadas independentes entre si, quase sempre sem sequência preestabelecida em sua apresentação, a Chegança é, às vezes representada numa armação de madeira que figura um barco. No passado, não só barcos, mas também fortalezas compunham o cenário da Chegança, como ocorria, por exemplo, na cidade sergipana de São Cristóvão. Descrevendo o folguedo aí realizado nos fins do século XIX ou início do XX, diz Serafim Santiago (ms.sd):

Ao amanhecer o dia 6 de janeiro, já se achava armado em frente à Igreja, ao lado esquerdo, um “Forte”, e sobre ele, um rico docel e alguns assentos para as autoridades da “Mourama” que ao saltarem em terra subiam para tomar assento ali, de onde o Rei mandava, em tempo oportuno, seu Embaixador ao Vapor da Cristandade.

Sobre a tradição do ofício das bonecas de pano na cidade há vários relatos de moradores da cidade e das artesãs de São Cristóvão. Segundo depoimento de Maria Anair dos Santos Reis (conhecida como Tatá), bonequeira há quase 10 anos, “minha avó Maria Francisca fazia bonecas até os 90 anos de idade, ela era cega, mas fazia lindas bonecas deitada na rede da varanda”.

“Minha avó Maria Francisca fazia bonecas até os 90 anos de idade, ela era cega, mas fazia lindas bonecas deitada na rede da varanda”.



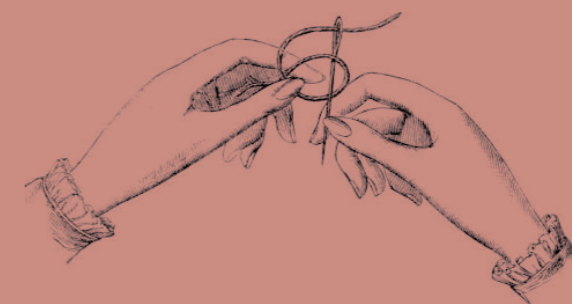


Esse ofício também é ensinado pelos mais velhos segundo Maria Nubia da Silva: “aprendi com minha mãe a fazer bonecas, ela fez para as três filhas, pois não podia comprar. Eu já fazia de barro e depois que ela ensinou passei a fazer de pano”.

Durante as entrevistas idealizamos uma exposição que revelasse recortes dessa história e convidamos o designer de interiores Jorge Luiz Barros para assinar a expografia. No dia 19 de agosto, dia do folclore, inauguramos a exposição no Museu de Arte Sacra de São Cristóvão com a apresentação da Chegança sancristovense.

A exposição ‘Feitas de Pano’ também fez parte do Festival do Brasil na Áustria a convite da curadora Vanessa Tolle. O evento foi realizado na cidade de Gmund, entre os dias 17 e 19 de novembro.

A despeito da qualidade estética da produção popular de Sergipe, da importância dos objetos criados pelas bonequeiras, há uma significativa invisibilidade dessa produção, obscurecida talvez pela gerência do mercado de arte nacional, mas que jamais tirará o brilho dessa tradição e não as impedirá de ganhar o mundo como documentos expressivos da nossa Arte Popular. **C**



Sonhos, mitos e arquétipos femininos
sob o domínio gráfico de

Cybele Ramalho

por Antônio da Cruz

No primeiro momento, ao se deparar com telas pintadas por Cybele Ramalho, o observador sente a curiosidade de saber o porquê da presença de traços contornando as figuras. Conhecendo a fundo seu trabalho, pode-se constatar a tal decorrência: da exuberância no uso da técnica bico-de-pena. Psicóloga clínica, professora universitária, diretora do PROFINT (onde leciona em curso de pós-graduação em psicologia, arteterapia e psicodrama), Cybele traçou e seguiu seu percurso na vida, mas congelou apresentações públicas das suas obras por uma determinação pessoal. Iniciou seu envolvimento com arte em 1974, mas logo a artista se manteve no anonimato, porém, com uma produção ora contínua, ora esparsa. Neste longo período acumulou obras, guardadas reservadamente. Agora as apresenta para o público tomar conhecimento de o quanto é vasta e vigorosa esta produção. Sua verve a conduz para temas principalmente em torno do feminino, da fertilidade, dos mitos, das relações a dois e dos sonhos.

Enquanto devaneios do pensamento, os sonhos arbitram os cenários instáveis e profundos do inconsciente. Decifrá-los é a grande tarefa inquietante, quando



se está no estado consciente. A arte certamente é um veículo por onde podem transitar tais interpretações, ainda mais quando a autora desta é uma “auscultadora da alma” e se faz exímia na condução da pena pelo papel, solícito em receber traçados reveladores e cores instigantes.

A arte tem essa capacidade universal de envolvimento. Ela nos leva e eleva desde a contemplação sensível e confortável, à profunda e inquieta reflexão da alma — e trata de qualquer tema. Alma que os gregos antigos denominaram de Psiquê e a enredaram em um mito no qual Eros está inserido. Psiquê e Eros se constituem em um par que, alegoricamente, representa a busca mútua pela felicidade afetiva, a despeito das dificuldades e do esforço a ser empreendido para obtê-la no mundo. Assim, o feminino e o masculino surgem em representações gráficas e pictóricas na obra de Cybele, fazendo valer esta complementariedade dos opostos, importante para ambos.

No vasto universo da imaginação pessoal e da mitologia, invocando arquétipos, Cybele faz emergir nas suas pranchas

deuses, semideuses, figuras mutantes, fortes, andrógenas e demoníacas, sem que se prenda ao raso maniqueísmo. Ainda que, nas explanações haja necessidade desta referência, a rica idiosincrasia humana, instintos, sensibilidade, racionalidade, paixões, vivências e ritos de passagem se evidenciam na sua obra.

Os desenhos ricos em detalhes de Cybele Ramalho exigem-lhe paciência e habilidade. Dentre as figuras fortes que muito bem representam a mulher contemporânea, nas suas lutas por igualdade de gênero, Lilith (que seria a primeira mulher rebelde e corajosa), é representada em diversas situações. No que diz respeito à liberdade e criatividade, além das releituras das figuras mitológicas, a artista cria também personagens como a Mulher Polvo e a Mulher Selvagem, como a sugerir releituras de Lilith e as expõe em situações particulares. A pluralidade de planos, a organicidade e a geometrização de formas humanas, em muitos desenhos se integram a outras de animais com traços propositadamente pueris, a dar um toque de ludicidade à obra.

Se nos seus primeiros trabalhos o feminino despontava por interesse do estudo da alma, no momento atual seu tema preferido se mostra ainda mais requisitado sob a ótica psicossocial, em questões prementes.

Jardim do Éden: tentações de Eva.



Sob o auspício de psicólogos se podem encontrar compreensão e conforto para a alma, os problemas reais, porém, precisam de ações práticas consequentes do próprio indivíduo em conflito. Agora a sociedade discute o assédio moral e sexual, as ações intimidadoras deletérias da alma, que encontram na força física do agressor, no anonimato e no silêncio da vítima, fortes aliados. Todas essas situações vexatórias decorrem das tradições patriarcais, de origem tão remota quanto parecem ser infundas. Para se contrapor a esta agressividade aflitiva, as mulheres se põem em alerta.

A arte de Cybele, neste contexto, insere “Conflitos familiares” e “Relações amorosas” obras que dão pistas de que a artista abraça este aspecto da causa. Também, à medida em que exalta a própria figura feminina, luta contra a construção psicossocial e cultural de estigmas e preconceitos contra sexo feminino; assim como luta com as desigualdades sociais — na obra “Retirantes” — e denuncia as questões entre os gêneros.



Complexos orgânicos.

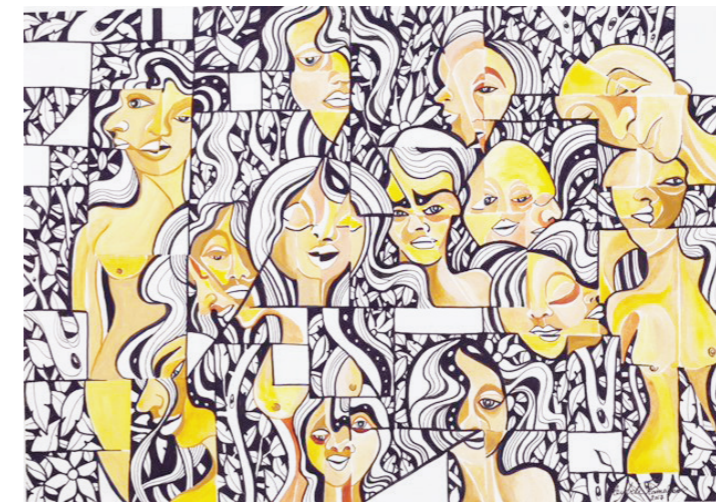


Recordações.

A Mãe Terra (série Natureza Viva 2)



Ninfas (série Natureza Viva 4).



Observadores urbanos.

É fato a importância feminina no que diz respeito à fertilidade. Em “A Grande Deusa da Terra”, Cybele exalta a mãe prima, aquela que dá origem a toda a vida na terra. Mas, a artista mostra que, na arte e na vida real, o valor da mulher não se limita à questão biológica. Inúmeras mulheres produziram e produzem em todos os campos de atividade, mas ao longo do tempo não tem sido dada a devida publicidade dos seus feitos. A presença da sua imagem nos nossos dias tem sido tão forte, ao ponto de, em qualquer assunto informal ou decisão institucional, a presença da mulher ter se tornado uma exigência.

Assim, a obra de Cybele, fruto da sua habilidade e intelecto, prescrutadora da alma, leva-nos a reflexões profundas acerca da mulher, este ser importante que, desde os primórdios da humanidade luta para fazer valer suas crenças, valores e assegurar que, sem sua presença a humanidade não progrediria. Vive-se agora o tempo em que os sonhos se desprendem do divã e invadem o universo real e possível. **C**



Cybele Ramalho
Imagens: acervo da artista



O CORDEL EM SERGIPE

Izabel Nascimento

Falar da Literatura de Cordel em Sergipe requer um olhar mais amplo, considerando o papel dos intelectuais sergipanos no tocante à cultura popular como um todo. Devemos recordar sempre o fato de que o lagartense Silvio Romero (1851-1914), na condição de polígrafo que era, o primeiro em nosso país a dar os devidos créditos à cultura do povo como uma valiosa e imprescindível manifestação da identidade brasileira. Romero coletou cantos e contos populares, bem como se tornou o primeiro a teorizar mais efetivamente sobre a poesia de caráter popular.

Assim, ao sergipano Romero devem tributos Mário de Andrade (1893-1945), Câmara Cascudo (1898-1986) e além de nosso conterrâneo e contemporâneo Jackson da Silva Lima (1937), que seguiu os passos dos estudos sobre cultura popular, tendo publicado o importante volume “Folclore em Sergipe”. Também a professora da Universidade Federal de Sergipe, Vilma Mota Quintela, cujos mestrado e doutorado defendidos respectivamente na Unicamp e na UFBA, incluindo sua permanência na Universidade Paris XI, discutiam a literatura de cordel. Isto é, Sergipe no campo dos estudos da poesia popular desde os fins do século XIX até a contemporaneidade contou com expoentes.

Entretanto, é de bom tom reforçar que sem os executores dessa cultura, não haveria o que se estudar. Dessa forma, também nosso estado é bastante rico, não apenas com personagens que nasceram aqui, mas outros que nestas terras se estabeleceram e criaram raízes, tornando-se sergipanos.

Dentre os nomes cuja glória hoje fulgura no firmamento da divina palavra destacam-se Manoel d’Almeida Filho (1914-1995) e João Firmino Cabral (1940-2013). O primeiro nascido em Alagoa Grande, na Paraíba, porém estabelecido em Aracaju desde os anos 1940, consolidou-se como um dos mais importantes cordelistas brasileiros. Sua atuação estendeu-se além das fronteiras do estado, especialmente quando se tornou autor do catálogo da editora Editora Prelúdio (atualmente sob o nome de Luzeiro), uma das mais importantes do segmento.

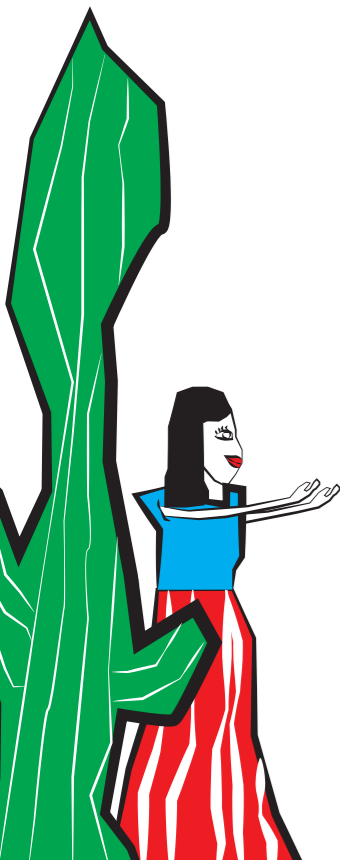
Nos versos do poeta D’Almeida Filho ganharam vida personagens cangaceiros, histórias de amor, lições de vida em que despontava um espírito criativo ímpar, associado a uma estrutura perfeita no que se refere às normas da poesia de cordel. São ainda de sua autoria outros textos de caráter mais erótico, que sob o pseudônimo de Adam Fialho vieram à luz pondo sob as sombras o poeta patrono da cadeira nº 20 da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC).



Aprendiz da arte de Manoel d’Almeida Filho, foi o itabaianense João Firmino Cabral, pessoa muito vista em nossa capital na sua banca de livretos perto da passarela das flores no Mercado Municipal. Dos nascidos em Sergipe, Firmino foi, sem dúvida, o que mais notoriedade ganhou na arte do cordel. Seu espaço na poesia popular brasileira garantiu-se ao longo dos anos com mais de quatrocentos folhetos ainda hoje reeditados. Ressalta-se nele a inventividade e a profunda sensibilidade de escrever em temáticas que acreditava bem como os valores de ordem moral e histórias em que temas universais como amor, morte e fé saltam das páginas. Vencedor de alguns concursos literários e recebedor de diversas homenagens, devemos destacar

que um dos pontos de consagração de sua trajetória literária foi a eleição para a ABLC, sediada no Rio de Janeiro.

Com isso, dava-se em âmbito nacional a devida evidência ao poeta sergipano, que já tinha seu nome como sinônimo de qualidade literária através dos inúmeros folhetos seus vendidos pelas editoras de abrangência nacional. De sua veia poética vieram: “A revolta de um escravo”, “Lampião – Herói ou bandido?”, “A história do Palácio Olímpio Campos e a revolta de Fausto Cardoso”, “As aventuras de Davi e o gigante Goliás”, “História, Vida e Morte de Luiz Gonzaga”, dentre tantos outros que expõem a versatilidade de que era dotado. As quase seis décadas que dedicou à poesia de cordel hoje são lembradas na recém-criada Academia Sergipana de Cordel, que vive



Academia Sergipana de Cordel



sob o patronato geral do poeta itabaianense, honrando-lhe assim pelos préstimos em prol da Arte.

Entretanto, nem só de saudosos se compõe o cordel sergipano. Nomes como os octogenários Pedro Amaro do Nascimento e Alda Cruz figuram os decanos da poesia de cordel sergipana estando em plena atividade. A lista de cordelistas, entretanto, é longa: Maria Salete Nascimento, Everardo Sena, Zezé de Boquim, Ronaldo Dória, Zé Antônio, Alaíde Costa, Ana Santana, Gilmar Ferreira (ocupante da cadeira de número 02 da Academia Brasileira de Literatura de Cordel), Jorge Henrique Vieira, Manoel Belarmino, Daniela Bento, Thiago Barbosa, Sérvulo Sampaio, Antônio Batista, Wagner Lemos, Anderson Dussantos, Agnaldo — o Zé, Elielson — o Roceiro, Tito Souza, Chiquinho do Além Mar, dentre tantos outros, formam um representativo elenco de poetas cujas estéticas se diferenciam em diversos aspectos. Há os que optam por temática religiosa, outros pelos cordéis didáticos, uns preferem escrever narrativas épicas, outros seguem a produzir histórias de amor e alguns mais picarescos com boas doses de humor. Perfis múltiplos também no vocabulário que empregam, ora mais ou menos rebuscado, em dedicação exclusiva à literatura ou outros que a conciliam com outras profissões.

Manoel D'Almeida



João Firmino

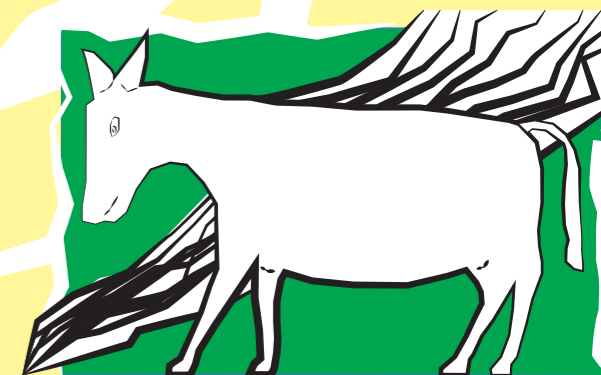
Contudo, todos em diferentes municípios e nos mais diversos campos de atuação social marcados pelo apego ao versificar de cordel.

Recentemente, Sergipe instalou, no dia do cordelista em Aracaju, 19 de julho, a já citada Academia Sergipana de Cordel (ASC), que como expressão de membros da sociedade civil constituiu-se através de recursos próprios a fim de divulgar a arte do cordel e toda manifestação cultural. Composta inicialmente por 37 membros com previsão de abarcar 40 componentes. O interessante desse agrupamento é também o respeito à diversidade: faixas etárias diferentes, etnias, religiões, opções políticas, vertentes poéticas e outros tantos aspectos põem um caráter diferenciado ao grupo, hoje, por votação de seus membros, sob a presidência e vice-presidência de duas mulheres, Izabel Nascimento e Maria Salete. Embora tão jovem, a ASC já tem firmado parcerias importantes, como a que promoveu a exposição “O mundo do cordel para todo mundo” que sob o patrocínio da Universidade Tiradentes por meio do Instituto Tobias Barreto, garantiu ainda a publicação coletiva com estrofes dos acadêmicos seguindo o tema do evento. Além disso, eventos como a Bienal do Livro de Itabaiana, o Encontro Gloriense de Escritores e outras atividades em que se envolvem os seus sócios levam o nome da Academia. Os seus membros creem que só

há sentido de existir como instituição, não para um encontro de panteão, mas, sim, para atividades que promovam leitura e produção de textos.

Hoje, a Literatura de Cordel em Sergipe agrega nomes das mais diferentes linhas de escrita e tem sido fomentada em atividades como oficinas de produção de texto como as ministradas por muitos poetas do estado, os quais inculcam em novas gerações o compasso e régua do cordel, bem como disseminam o amor por essa modalidade de literatura; palestras; projetos educacionais abraçados por escolas e instituições de ensino superior que compreendem a importância de valorizar algo que é tão marcadamente brasileiro, mas, sobretudo, nordestino e, desse modo, fincar as bandeiras da nossa identidade e expandir as fronteiras da nossa cultura.

Há muito ainda a narrar através dos versos e tantos cordéis ainda para escrever, cabe lembrar o provérbio latino “Longa a arte, breve a vida”. No entanto, não apenas isso: mas, dele nos reapropriarmos em um mote: Vida longa à arte de Cordel! **C**



DEMOCRATIZAÇÃO DA POESIA E DAS RUAS

Como o Slam do Tabuleiro ressignifica a noite do Centro de Aracaju

Por Matheus Brito

Na terceira sexta-feira de cada mês, as ruas do Centro se transformam à noite. A Simão Dias recebe pessoas que se reúnem para ouvir os versos marginais do Slam do Tabuleiro. A batalha de poesia acontece entre as mesas do Elenildo Rock Bar e sob o brado “nos bares, nos bicos, nas ruas e no tabuleiro”. O encontro é realizado desde o segundo semestre de 2017 e teve 5 eliminatórias até novembro.

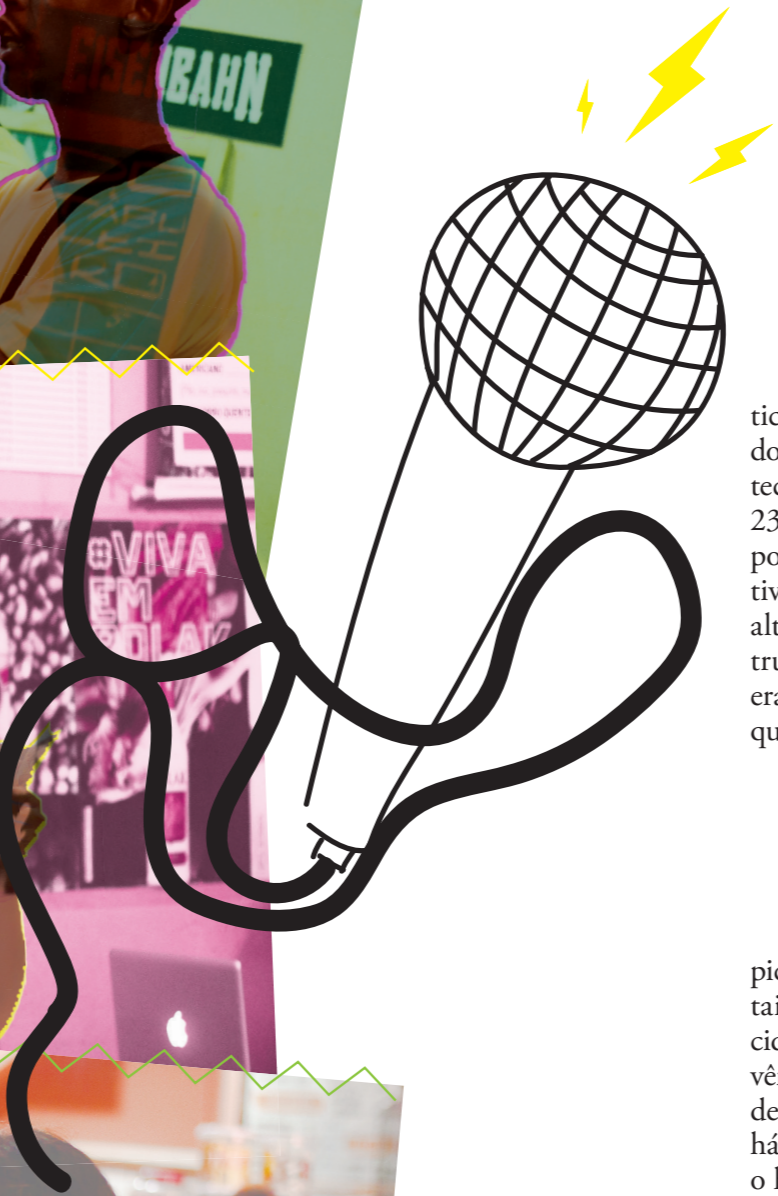
Qualquer pessoa pode recitar no slam. Basta ter três poemas autorais, não usar figurinos, adereços e acompanhamentos musicais. Cada participante tem até três minutos para declamar. O júri é escolhido na hora. São cinco pessoas que não podem conhecer ninguém que se apresente e podem dar notas de 0 a 10. Assim que as placas sobem, a menor e a maior notas são excluídas. Apenas três compõem a média final.

Na primeira rodada, todo mundo se apresenta. Na segunda, só quem tirou as cinco melhores notas. Na última rodada, apenas quem ficou com as três melhores médias. A maior da terceira rodada é a “slampeã”. Nas edições de 2017, apenas mulheres ficaram em primeiro lugar e foram a maioria na hora de declamar. “As mulheres estão se colocando mais que os homens”, afirma Janaína Vasconcelos, uma das organizadoras.

Apesar de mulheres dominarem as edições, ir para a Simão Dias à noite não é fácil, uma vez que as ruas ficam vazias. “Se a gente tem medo de ser assaltada, a gente também tem medo de ser assediada, de ser estuprada”, diz Débora Arruda, que constrói o slam com Janaína e outros três amigos – Allan Jonnes, Bruna Noveli e João Henrique.



Blenda Santos, slampeã do último Slam do Tabuleiro de 2017, à esquerda, e competidores.



A ocupação do Centro à noite é uma preocupação permanente de quem faz o slam. Enquanto a cena cultural alternativa de Aracaju passou algum tempo concentrada na zona sul da cidade — a exemplo do Sarau Debaixo no Terminal do DIA e do Ensaio Aberto no Parque dos Cajueiros -, o Slam do Tabuleiro preferiu deslocar as pessoas para o meio da cidade. Segundo Débora, o Sarau Debaixo foi o início do deslocamento, pois a cena estava concentrada na Orla de Atalaia e na 13 de Julho. “Nem ali a gente estava”, afirma. O Viaduto do Dia, onde ocorria o Sarau debaixo, era um espaço estratégico porque é cortado por duas das principais veias da cidade — a Avenida Tancredo Neves e a Avenida Adélia Franco. Além disso, o terminal de ônibus ao lado facilitava o deslocamento de quem utilizava o transporte público.

Débora Arruda e Allan Jonnes participaram do Coletivo Sarau Debaixo por dois anos e meio. A última edição aconteceu em novembro de 2015, depois de 23 encontros sob o viaduto. A repressão policial, afirma Débora, foi um dos motivos que levaram à fragilidade do cenário alternativo atual. “A gente viu tudo se destruindo”. Naquela época, a Lei do Silêncio era usada para desarticular os movimentos que faziam cultura na rua.

Cultura nas ruas

O Centro de Aracaju pode ser atípico se comparado com o de outras capitais, diz Janaína Vasconcelos. Em outras cidades, “o centro é um lugar de convivência social”, afirma. Após as seis da tarde, a região se torna um “não-lugar”. Não há aglomeração de pessoas quando acaba o horário comercial.

Em 2011, Janaína realizou uma pesquisa fotográfica sobre o Centro de Aracaju. Ela descobriu que espaços de lazer e entretenimento que pertenciam à região acabaram conforme a cidade se expandiu para a Zona Sul nas décadas de 1970 e 1980. “As pessoas tinham o Centro como espaço de entretenimento”, diz. Aos poucos, o crescimento da cidade tornou as ruas do Centro apenas um espaço comercial.



Para mudar o histórico do Centro, é preciso ocupá-lo. “A gente só consegue fazer isso se for com muitas pessoas”.



Antes desse período, as ruas eram o principal espaço de entretenimento. “Quando minha mãe era criança, no dia de domingo ia tomar sorvete”, lembra Janaína. Enquanto o uso dos espaços públicos para lazer diminuiu, os espaços privados ascenderam na urbanização. “As pessoas preferem estar dentro de espaços privados a ocupar as ruas”.

Para Débora Arruda, promover cultura nas ruas é a forma mais acessível de fazê-la. “A gente pensa em colocar na rua para trazer principalmente democracia no acesso”, enfatiza. Por outro lado, os espaços privados não são tão acessíveis. “É uma cultura que a gente nem sabe onde está acontecendo. O direito de estar lá dentro não é para todo mundo”, desabafa Débora.

Nas primeiras edições, poucas pessoas participaram das batalhas do Slam do Tabuleiro. “Porque o Centro à noite é aquela coisa mórbida onde você vê prostituição e tráfico de drogas”, afirma Débora, que conheceu boa parte do processo de marginalização e higienização do Centro por meio do livro “Rua do Siriri”, de Amando Fontes.

A obra de Fontes retrata a vida de prostitutas que se mudaram para a rua que dá nome ao livro por causa de uma ordem do chefe da Polícia do Estado no ano de 1918. A intenção era afastar as mulheres dos casarões que abrigavam a elite política e econômica da cidade. “Lendo Rua do Siriri eu pude perceber o quanto você estava sujeita à prostituição naquela época por um homem não querer casar com você”, afirma Débora.

O esvaziamento do Centro à noite tornou a região cada vez mais marginalizada. “Quais são as pessoas que estão nesses locais? População negra, pobre, periférica, que apanha da polícia de madrugada porque a gente não está lá”, desabafa Débora. Para mudar o histórico do Centro, é preciso ocupá-lo. “A gente só consegue fazer isso se for com muitas pessoas”.

“Qualquer um pode escrever um poema”

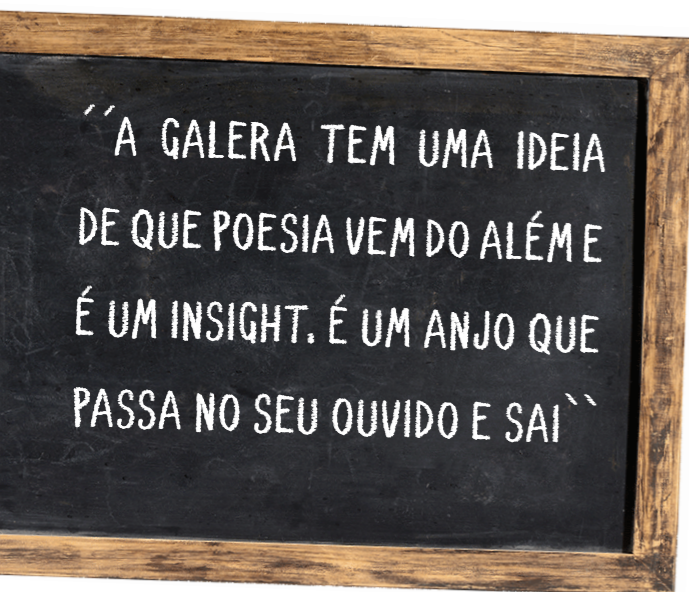
Há pouco mais de um ano, Wagner Carvalho, estudante de Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS), acompanha a poesia de slam por meio da internet. Depois de escrever os primeiros poemas, Wagner participou da quarta eliminatória do Slam do Tabuleiro. Foi a primeira vez que ele recitou. “O slam tem um papel muito importante para disseminar isso porque você vê várias produções diferentes, de assuntos diferentes”, declara.

Depbora Arruda, uma das organizadoras do Slam do Tabuleiro



Wagner Carvalho, competidor do Slam do Tabuleiro





Para Wagner, o slam consegue desmistificar a ideia de que nem todo mundo consegue fazer poesia e vai de encontro ao que se ensina na escola e na universidade. “A galera tem uma ideia de que poesia vem do além e é um insight. É um anjo que passa no seu ouvido e sai”, diz.

Ele se sente inspirado o tempo todo pelo que outras pessoas fazem nas batalhas de slam. A poesia marginal o atrai mais do que ler Camões na biblioteca da universidade, por exemplo. “O ensino de Literatura não é algo que me instiga. Tem uma carga muito elitista. Tem que ter palavra difícil, tem que ter estrofe com rima”.

O júri, que é escolhido na hora, vota em quadros de giz



Fotos: Matheus Brito

No ensino fundamental, ele se sentia desestimulado porque os professores não aprovavam a poesia que ele fazia. “A escola me travou como uma pessoa capaz de escrever poemas”. Ainda assim, Wagner insistiu na poesia como forma de expressão, já que foi a linguagem que encontrou para canalizar as experiências de “bixa preta”. Antes de participar das eliminatórias do Slam do Tabuleiro, Wagner pedia para os amigos avaliarem o que ele escrevia. Ele ainda não tinha certeza se era um poeta, mas as batalhas do slam foram cruciais para isso.

Para a vencedora da última edição de 2017 do Slam do Tabuleiro, Blenda Santos, o elitismo e embranquecimento da poesia tradicional não é diferente. “Quando nos apresentam a poesia, logo fazem questão de deixar claro, o quanto o lugar dela é longe do chão que gente como a gente pisa”, afirma. O reencontro com a poesia aconteceu numa das edições do antigo Sarau Debaixo. “Eu não sabia, mas daquela encruzilhada pra frente, a poesia também seria minha e é exatamente assim”, assume.

Uma das fontes de inspiração de Blenda é a escritora Carolina Maria de Jesus, que, para a slampeã, permanece esquecida no país. “Muitos não acreditavam que uma mulher negra, mãe, solteira e favelada fosse capaz de escrever aquelas obras”, afirma. Assim como quem a influencia, a poesia de Blenda não chega perto de versos convencionais. Ela deixa isso evidente quando diz “não ouço o canto dos pássaros/ não vejo árvores bonitas/ não me banho em mares tão azuis”. **C**

Elizabeth Bishop no Brasil

por Antônio Nahud



Foto: Houghton Mifflin

Em 1951, a poeta norte-americana, Elizabeth Bishop (1911-1979), resolveu visitar uma amiga dos tempos de faculdade que estava morando no Brasil. Sua ideia inicial era passar uma semana no Rio de Janeiro e depois seguir viagem para outros países da América do Sul, mas acabou ficando por quase 15 anos. Seu motivo tinha nome e sobrenome: Maria Carlota Costallat de Macedo Soares, arquiteta autodidata carioca, responsável pela construção do Parque do Flamengo, mais conhecida como Lota, com quem se relacionou amorosamente dos 40 aos 55 anos. Ela chegou quando no Brasil se esboçava o período que muitos consideram uma renascença tropical, época de reinvenção nacional no romance, na poesia, no cinema, na arquitetura, no teatro, na música popular. Sentiu-se em casa. Se não pelo próprio lugar, ao menos pelo romance apaixonado com Lota. Foi sempre ambivalente com relação ao nosso país, fascinada por muitos de seus aspectos mais calorosos, mas horrorizada com a pobreza, a injustiça e o atraso. Numas de suas cartas para o poeta Robert Lowell, em 1959, escreveu: “Estou vivendo no Brasil há quase oito anos, a maior parte do tempo nas montanhas, perto de Petrópolis. Volto a Nova Iorque quando posso, mas aqui é meu verdadeiro lar agora. Como você sabe, é um país estranho, uma mistura dos séculos XVIII e XIX com rápida industrialização, terrível pobreza, luxo, preto e branco, o avançado e o primitivo – ainda estou surpresa de me ver vivendo aqui, mas vou ficando”.

Bishop teve uma vida marcada por perdas. Seu pai morreu de insuficiência renal crônica quando ela tinha apenas oito meses e a mãe, abalada, foi aos pou-

cos perdendo o equilíbrio mental. Sem os pais, ela se sentia só e abandonada, situação que piorou quando desenvolveu asma e uma série de alergias, que a impediram de frequentar a escola regular. A solidão era um mal que ela custou a superar: em 1948, escreveria para o amigo e poeta Robert Lowell, dizendo que era a pessoa mais solitária que já havia existido. Na década de 1930 ela viveu na França, graças a sua colega em Vassar e amante Louise Crane, herdeira da poderosa indústria de papel. De volta aos Estados Unidos, conheceu a célebre poeta Marianne Moore, 24 anos mais velha, de quem se tornou muito amiga. Ela demonstrou grande interesse por seu trabalho. A amizade entre ambas, que perdura na extensa correspondência, durou até a morte de Moore, em 1972. Em 1946, a veterana poeta sugeriu seu nome para o *Houghton Mifflin Prize* (prêmio de poesia) e ela venceu. Os primeiros poemas de Elizabeth Bishop, muito influenciados por Moore, surgiram na revista do Vassar College, fundada por ela com a escritora Mary McCarthy. Depois de rejeições por alguns editores, o primeiro de seus volumes de poesia (*North and South*) apareceu em 1946.

Aos 40 anos, embarca em Nova York num navio mercante para uma longa viagem a América do Sul. Acolhida nos meios especializados como revelação promissora, vivia da fortuna deixada pelo pai e enfrentava crises sucessivas de alcoolismo e criação. De passagem pelo Rio, vai passar uns dias com a ex-colega de uni-

versidade, no sítio Samambaia, em Petrópolis, onde conhece a brasileira Lota. Não pensa em demorar, mas come um caju, adocece, é hospitalizada e o apoio de Lota vira amor – um caso que, apesar dos pesares, vai durar pelo menos quinze anos. Embora Elizabeth Bishop tenha amado Lota e o país, a entrega foi sempre reticente. Entretanto, a aversão é ambígua; afinal, é no Brasil que vai recuperar a verve que andara lhe faltando.

O Brasil marcou sua vida como temática de numerosos poemas, contos e cartas. Traduziu poemas dos principais expoentes do modernismo brasileiro e manteve relações cordiais com vários desses artistas. Sua percepção das contradições brasileiras é sutil e perspicaz, traduzida em poemas sobre a paisagem, na evocação das chuvas tropicais, na sátira social explícita, no retrato dos pobres. Elizabeth Bishop e Lota viveram juntas a maior parte do tempo na casa modernista, envidraçada e coberta de alumínio, que Lota e o arquiteto Sérgio Bernardes fizeram na mata de uma escarpa, na região de Petrópolis. Cercada de carinho, segurança e isolamento, a poeta viveu dias felizes, apesar do alcoolismo renitente. Pôde também cultivar o ócio - requisito que ela destaca como imprescindível, numa das cartas, à consecução da atividade artística, ainda que num sentido reverso: dedicação absoluta, no caso do poeta, à feitura do poema. Gastava meses, por vezes anos, escrevendo um único poema, trabalhando para obter um sentido de espontaneidade.



"Achava a classe alta provinciana esnobe, e a indiferença dela diante da corrupção e da desigualdade enorme provocava sua repulsa."



Casa Samambaia



Lota era culta, mandona e introduziu a companheira no núcleo das vanguardas do Brasil moderno. O apartamento do casal, no Rio de Janeiro, foi durante esses anos um bom lugar para conhecer a boemia dourada carioca. Móviles de Alexander Calder e quadros de Portinari adornavam o ático com vista para o mar, na praia do Leme. O imóvel magnífico, no número 5 da rua Antonio Vieira, é um bom exemplo do art déco dos anos 1930. No entanto, Elizabeth Bishop nunca ficou inteiramente à vontade no Rio: "Não é a cidade mais bela do mundo, apenas o lugar mais belo do mundo para uma cidade". Achava a classe alta provinciana esnobe, e a indiferença dela diante da corrupção e da desigualdade enorme provocava sua repulsa.

A casa que se converteu em seu lar, em símbolo e personagem de seus poemas, foi a de Samambaia, em Petrópolis, a uma hora de carro do Rio. Estava em construção quando elas se conheceram e acabou sendo uma das obras-primas da arquitetura do século XX. Os famosos arquitetos Walter Gropius e Alvar Aalto a elogiaram, o também arquiteto Richard Neutra a visitou e as revistas internacionais a fotografaram. Como gesto de amor, Lota acrescentou ao projeto um pequeno estúdio independente, para a poeta escrever olhando as cachoeiras e os morros da serra. Foi um reino secreto nas alturas, onde ela encontrou calma e inspiração. Com seus grandes painéis de vidro, ainda hoje está bem conservada, sobrevivendo como uma pousada modesta, sem luxos, mas cheia de sabor. Conserva a capela, varanda, grandes salões e pisos de madeira nobre. Com os anos, a relação com a formidável Lota



tornou-se opressiva demais, e Elizabeth Bishop se refugiou em Ouro Preto, a joia do barroco brasileiro no coração de Minas Gerais. Também esta bela casa, a Mariana, continua intacta, um casarão colonial que ela comprou e restaurou, com vista fabulosa do centro antigo. O nome dela é uma homenagem à Marianne Moore, mentora e amiga.

O pai de Lota, José Eduardo de Macedo Soares, opositor na República Velha, depois adversário histórico de Getúlio Vargas, era dono do periódico mais influente em meados do século passado, o Diário Carioca. Lota nasceu em 1910, em Paris, onde o pai se achava exilado. Mulher culta, estudou no ateliê do pintor Cândido Portinari, amiga de escritores e artistas. Sem ter frequentado universidade, foi reconhecida como arquiteta e paisagista emérita. Tinha uma personalidade prática, impaciente. Deixou sua marca na paisagem e na história do Rio quando Carlos Lacerda, seu amigo e primeiro governador (1960-64) da Guanabara, deu-lhe a missão de criar o Parque do Flamengo.

A construção do parque no Aterro do Flamengo, se não afastou as duas mulheres, serviu de pretexto ao afastamento. Lota ficava no Rio, onde se entregava de maneira obstinada ao trabalho, redobrado no interminável confronto de sua personalidade impetuosa e perfeccionista com a politicagem administrativa. Elizabeth Bishop se refugiava em Ouro Preto. Em 1966, forçada pelo esgotamento da herança familiar, sem que os prêmios literários que recebeu

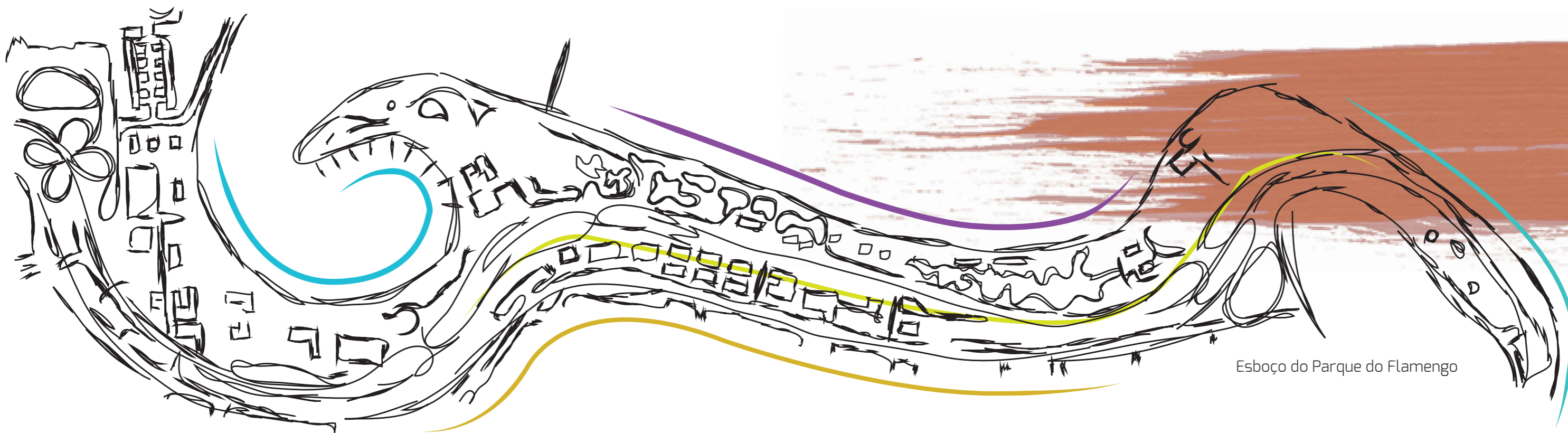


Miranda Otto e Glória Pires, como Bishop e Lota, no filme "Flores Raras"
Foto: Divulgação

Uma Arte

A arte de perder não é nenhum mistério
tantas coisas contém em si o acidente
de perdê-las, que perder não é nada sério.
Perca um pouco a cada dia. Aceite austero,
a chave perdida, a hora gasta bestamente.
A arte de perder não é nenhum mistério.
Depois perca mais rápido, com mais critério:
lugares, nomes, a escala subsequente
da viagem não feita. Nada disso é sério.
Perdi o relógio de mamãe. Ah! E nem quero
lembrar a perda de três casas excelentes.
A arte de perder não é nenhum mistério.
Perdi duas cidades lindas. Um império
que era meu, dois rios, e mais um continente.
Tenho saudade deles. Mas não é nada sério.
Mesmo perder você (a voz, o ar etéreo,
que eu amo) não muda nada. Pois é evidente
que a arte de perder não chega a ser um mistério
por muito que pareça (escreve) muito sério.

(Tradução de Paulo Henriques Britto)



Esboço do Parque do Flamengo

servissem de compensação suficiente, aceitou dar seu primeiro curso acadêmico, na Universidade de Washington, em Seattle. Detestou lecionar (tinha aversão a falar em público, mesmo os próprios poemas), mas se apaixonou por uma jovem aluna, que seria sua amante por alguns anos. O caso tinha todo um aspecto escandaloso: a estudante estava grávida quando se conheceram, chegou a morar em Ouro Preto com ela e a criança, e voltou a viver em Seattle depois de uma tumultuosa ruptura.

Enquanto finalizava o Parque do Flamengo, a saúde de Lota deteriorou, conforme ela se debatia nas escaramuças burocráticas, prestes a romper com o próprio Lacerda, cuja estrela política, depois do golpe de 1964, declinava depressa. Recebeu diagnósticos de arteriosclerose e depressão. Numa atitude drástica, contrária ao conselho médico, viajou para Nova York a fim de conversar com a amada, tentando salvar o relacionamento. Na manhã seguinte, 20 de setembro de 1967, a arquiteta se mataria de uma overdose de tranquilizantes. Já quase inconsciente quando socorrida por Elizabeth Bishop, que se recriminaria por ter dormido demais, ela foi hospitalizada e entrou em

coma. Morreu de falência cardíaca uma semana depois, aos 57 anos. Elizabeth nunca se recuperou do choque provocado por mais uma perda. Embora a maioria dos amigos de Lota no Rio tenha se voltado contra ela, continuou mantendo laços com o Brasil, sobretudo com Ouro Preto, até o início dos anos 1970.

Aos poucos voltou a viver na Nova Inglaterra (EUA), na companhia de outra mulher. Foi vítima de aneurisma cerebral, que a matou em 1979, aos 68 anos. Desde então sua fortuna crítica cresce, seu nome muitas vezes é incluído entre os dez poetas norte-americanos mais influentes no século de Eliot, Pound e Cummings. Tivemos a oportunidade de saber um pouco mais sobre sua vida itinerante e complicada através do bonito filme “Flores Raras” (2013), de Bruno Barreto, que narra seus anos brasileiros e foi sucesso de bilheteria. Como tantos viajantes estrangeiros que escreveram sobre o Brasil, Elizabeth Bishop exalta a natureza e deplora a sociedade. Contra o pano de fundo da desigualdade e do atraso, seu olhar duro logo identifica o elemento provinciano, o hábito irracional, a desordem e a “loucura” em que vivem os brasileiros: “O Brasil é mesmo um

horror”. Nem por isso ela fica insensível a certa doçura na familiaridade, na ênfase afetiva das relações pessoais, outro traço assíduo na historiografia que não lhe passou despercebido no cotidiano.

Em sua opinião, Gilberto Freyre é “legível”, embora faça ressalva a sua condescendência para com a escravidão. É entusiástica quanto a *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que considera o melhor na literatura local depois de Machado de Assis. Ficou tão encantada com *Minha Vida de Menina*, o diário de Helena Morley sobre sua infância em Diamantina, que o traduziu e publicou em inglês. Escreve que João Cabral de Melo Neto é dos poucos poetas brasileiros que de fato aprecia - os outros seriam Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Manuel Bandeira. Desanima de suas tentativas para introduzir as amigas Clarice Lispector e Rachel de Queiroz nos Estados Unidos. Critica os poemas concretos, que “parecem experiências pré-1914 com uma pitada de Cummings”.

Morando no Brasil, em 1956, recebeu o prêmio Pulitzer pelo livro *North and South — A Cold Spring*. Receberia mais tarde o Prêmio Nacional do Livro (*The National Book Award*) e o prêmio nacional do

Círculo dos Críticos literários (*The National Book Critics Circle Award*), assim como duas bolsas, *Guggenheim* e *Ingram Merrill Foundation*. Tornou-se poeta residente na Universidade de Harvard em 1969. Em 1976, foi a primeira mulher a receber o *International Neustadt Prize for Literature* (Prêmio Internacional Neustadt de Literatura). Escreveu para a revista *The New Yorker*, fazia muitas conferências e durante uns poucos anos ensinou na Universidade de Washington, antes de se mudar para Harvard por sete anos. Ensinou ainda na *New York University*, antes de terminar seus dias de ensino no *Massachusetts Institute of Technology*.

A crítica é unânime em ressaltar, entre as qualidades literárias de Elizabeth Bishop, a precisão verbal e a profundidade descritiva. Tinha, além disso, o olho treinado de uma turista quase profissional, tomada pelo demônio geográfico que a fez viajar como nômade pela vida afora. Apaixonada pela exatidão, recriou os mundos do Canadá, EUA, Europa e Brasil. Não admitia ter pena de si mesma, mas seus poemas mal escondem suas dificuldades como mulher, lésbica, órfã, viajante sem raízes, asmática frequentemente hospitalizada, depressiva e alcoólatra. **C**

Poesia

Jane Guimarães



Jane Guimarães Vasconcelos Santos nasceu em Aracaju-SE em 20/11/1969. Formou-se em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Tiradentes, com especialização em Sistema de Informação e Tecnologias Educacionais, e em Qualidade e Produtividade no Trabalho. Tem como segunda língua o inglês, e cursos de Extensão em Preservação, Conservação e Restauração de documentos, com experiências laboratoriais, pela Escola de Belas Artes, da UFMG e pela Fundação Biblioteca Nacional – RJ. Atualmente, Bibliotecária atuante em Biblioteca Escolar, Vice-Presidente da ALA-Academia de Letras de Aracaju, ocupando a Cadeira de Núbia Marques, nº18. Membro da Academia Sergipana de Letras pelo Movimento Cultural Antônio Garcia Filho – MAC, ocupando a Cadeira de Hunald Fontes de Alencar, nº 28. Escritora e Poetisa, publicou em 2015 o livro “Palavras que falam e outras histórias”, em 2017 publicou “Memorial de Afetos” e escreveu também para oitenta e duas Antologias Poéticas Nacionais e duas Internacionais publicadas em Portugal e na Alemanha.

MEU BRASIL BRASILEIRO

Poesia Brasileira em cores
e sentimentos de misturas
e etnias, devasta o perfume
colorido das palavras.

O cenário camuflado de cinza,
derrama

lágrimas ruborizadas desbotando
os verdes musgos das matas.

Evoca luz o amarelo,
que o azul límpido do céu
ressurja para o branco solidar
a ordem e progresso
pelo desejo da paz.

Brasil abriga um mosaico
de um mundo de tintas e cores
aquarela do meu país ...
quero te servir todas as cores
numa concha azul do mar.

ARACAJU, COMO TE VEJO

Curvas dos arcos da orla.

Mar perolado de praias formosas.

Em tuas ondas macias, posso
navegar.

Atalaia, recanto de coisas raras!

Cidade poema dos cajus, araras e
mangabeiras,

amendoim, beiju e tapioca das cores
e sabores.

Almas serenas das casas antigas!

Caranguejo de toda maneira!

A tarde debruça-se na ponte.

Margens do rio tranquilo ou bravio.

E o sol no horizonte cobre o
poente...

Antiga Rua Aurora, bordada de
Igreja Matriz.

Turistas vêm para ficar.

Saudades não querem levar.

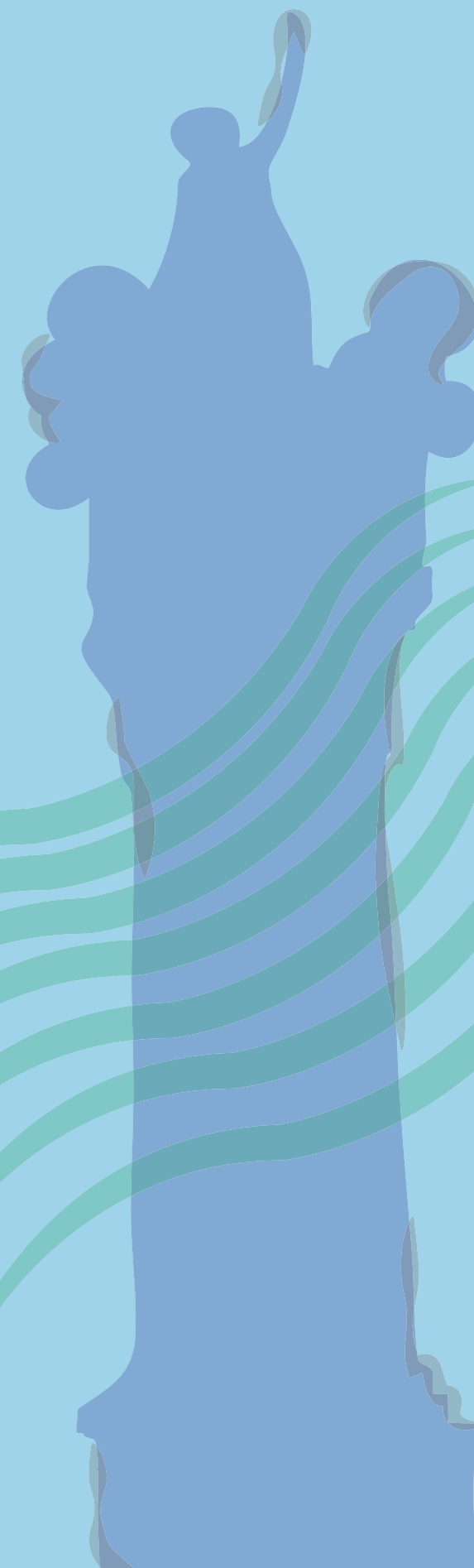
Das quadrilhas, festas populares,
alegrias nos rostos são molduras!

Praças, Palácios e Catedral,

Parques, Museus e Mercado
Central.

Colina de Santo Antônio, mirante
defronte à Igreja,

registro de tantas histórias,
memórias de tantas belezas!



Poesia

Marcelo Ribeiro



Marcelo da Silva Ribeiro nasceu em Aracaju, Sergipe, no dia 2 de outubro de 1949. Formou-se em Medicina pela Universidade Federal da Bahia, em 1974. Especializou-se em Otorrinolaringologia no Instituto Brasileiro de Otorrinolaringologia, no Rio de Janeiro. Aposentado pelo Ministério da Saúde, exerce ainda atividades em consultório particular, em Aracaju. Membro da Academia Sergipana de Letras e da Academia Sergipana de Medicina. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Publicou 14 livros: poesias, crônica política, ensaios, memórias e um registro histórico, em parceria com Archibaldo Daltro Filho, sobre a turma de Medicina 1969-1974 da UFBA, o “1974, Eternamente”. Escreve os textos do projeto “Memoráveis – sergipanos de ontem, hoje e sempre”. Tem crônicas, contos e poemas publicados em antologias no Sul do país. Diploma de “Mérito Cultural” da União Brasileira de Escritores (UBE) e “Prêmio Pixinguinha”, outorgado também pela UBE, pelo livro “Lá do lado de cá, o país da Tropicália”. Premiado em concursos (patrocinados pelo BANESE (Banco do Estado de Sergipe) de poesia e contos.

UMA LATA

Inútil poesia

Jaz na lata vazia

Que rola no meio do asfalto

Assustada com o escárnio.

Novo susto a cada carro.

No chão da lata sem dono

Na lata do chão, sem vida

Há como um corte ou ferida

Assim como adeuses curtos

Um sorriso interrompido ou grito
que nasce torto

Como uma dor contorcida, expiação
dum tormento

Sem piedade ou lamento

Que choro é lirismo morto.

OUTONO

Várias sendas percorri

Muitos tropeços eu dei

Pesadelos já vivi

Sonhos mil se esvaíram

Recusei-me a desistir.

Já surgiste em meu outono

Com seiva de primavera

Abandonei o quem dera

Pra merecer o presente.

Como pensar o futuro

Se vivo estação das flores?

POEMA DO DESENCONTRO

A lâmina fria

Da palavra ríspida traspassa os
lábios

Que ensaiavam rir

E o instante mágico

Que só um queria

Desfaz-se...

Mas a folha em branco do papel,

Solícita,

Registra toda a ternura que se fez
inútil.

SEIOS

Sei-os tímidos.
Serão rígidos?
Serão fartos?
Serão pródigos?
Serão lindos?
Sei tão pouco dos teus seios...

Teu olhar dissimulado faz decote
mais profundo.

PRAIANA

A cidade dorme
O mar se oferece
O barco se perde...

Ao longe, o bêbado
Urina sobre rochas
Desequilibrando o horizonte.

A GARÇA

Na elegância sutil
Das pernas finas,
A firmeza sem par
Que não exige rima
Dispensa poetas
Fazem-na ímpar.

VER DE VER-TE

Eu e o verde da varanda
(Planta traz companhia)
Não vimos o sol brilhar
Pois tua ausência me dói
E sombria foi a tarde
A chuva escondendo o mar.

Assim passamos o dia
Longo tempo a esperar
O verde, por novos sóis
Eu, por ver-te chegar.

MANHÃ

Na manhã quase hostil
Ela chegou de azul.
Desses azuis que entontecem
almas
E tudo se fez luz e ternura.
Quando a noite caiu
(e ela já se fora)
Minha mente intuiu
Que era a dona de todas as cores.

J A I M E A R A Ú J O

U M A I N T E L I G Ê N C I A B R I L H A N T E

por João Gama

Jaime de Araújo Andrade é uma das minhas melhores recordações. Sensível, inteligente, irônico, Jaime exerceu uma influência muito forte nas pessoas que conviveram com ele. Com um grande poder de síntese, era vibrante, seguro no que falava. Polêmico, mas respeitando as opiniões divergentes. Na Assembleia Legislativa de Sergipe, no curto exercício de seu mandato pelo MDB, entre 31 de janeiro de 1967 e 29 de abril de 1969, sempre que divergia respeitava o adversário. Na tribuna, era ouvido quando falava. Evitava o excesso de exposição.

Jaime nasceu em três de março de 1932, em Frei Paulo. Estudou em Itabaianinha, Laranjeiras, Salvador e Aracaju. Em 1947, foi nomeado, interinamente, mensageiro do Departamento de Correios e Telégrafo. Em 1957, diplomou-se Bacharel pela Faculdade de Direito de Sergipe. Em maio de 1962, casa-se com Maria Maura Fontes com quem teve três filhos, Ricardo, Selma e Nilma. Neste mesmo ano, foi aprovado em primeiro lugar para professor da Escola Industrial, na cadeira de Direito Usual e Estudos Sociais, e em segundo lugar na cadeira de Legislação Trabalhista.

Conheci Jaime em 1962, quando da campanha eleitoral daquele ano para o governo do estado disputavam o governo Leandro Maciel pela situação e Seixas Dória pela oposição. Godofredo Diniz era candidato a prefeito de Aracaju pelo

Partido Republicano que participava da coligação que apoiava Seixas Dória. Eu e Anderson Nascimento fazíamos parte daquilo que Godofredo Diniz chamava de Juventude Republicana. Tínhamos um programa de entrevistas na Rádio Jornal, chamado "Conheça a Situação" e sempre conversávamos com Jaime, na sede do PR, em uma sala no edifício Mayara. Jaime nos orientava sobre os temas dos programas, quem entrevistar e, principalmente, a forma de apresentar.

Envolvidos na campanha de Seixas Dória, eu e Anderson Nascimento nos incorporamos ao comitê de Godofredo Diniz, que trouxe uma novidade para a política de Sergipe: o corpo a corpo. Todas as noites saíamos acompanhando o candidato a prefeito em uma Kombi dirigida por "Mago", irmão do vereador Waldemar da Atalaia, além do candidato a vereador Narciso Machado, do 18 do Forte, fazendo visitas de porta em porta, que na época se chamava de "campanha do aperto de mão". Não havia bandinhas, os *jingles* eram tocados em um som de péssima qualidade da própria Kombi. Ainda não existiam emissoras de televisão em Sergipe, nem os famosos marqueteiros.

Godofredo Diniz aproveitou um velho costume que havia em Aracaju, onde as pessoas sentavam-se em suas calçadas até um pouco antes da hora de deitar. Homem simpático, maduro, já entrado na ca-





Jaime e sua esposa, Maura

PARA NOSSA ALEGRIA JAIME CONSEGUIU SE ELEGER DEPUTADO ESTADUAL, ASSUMINDO O MANDATO EM 31 DE JANEIRO DE 1967.

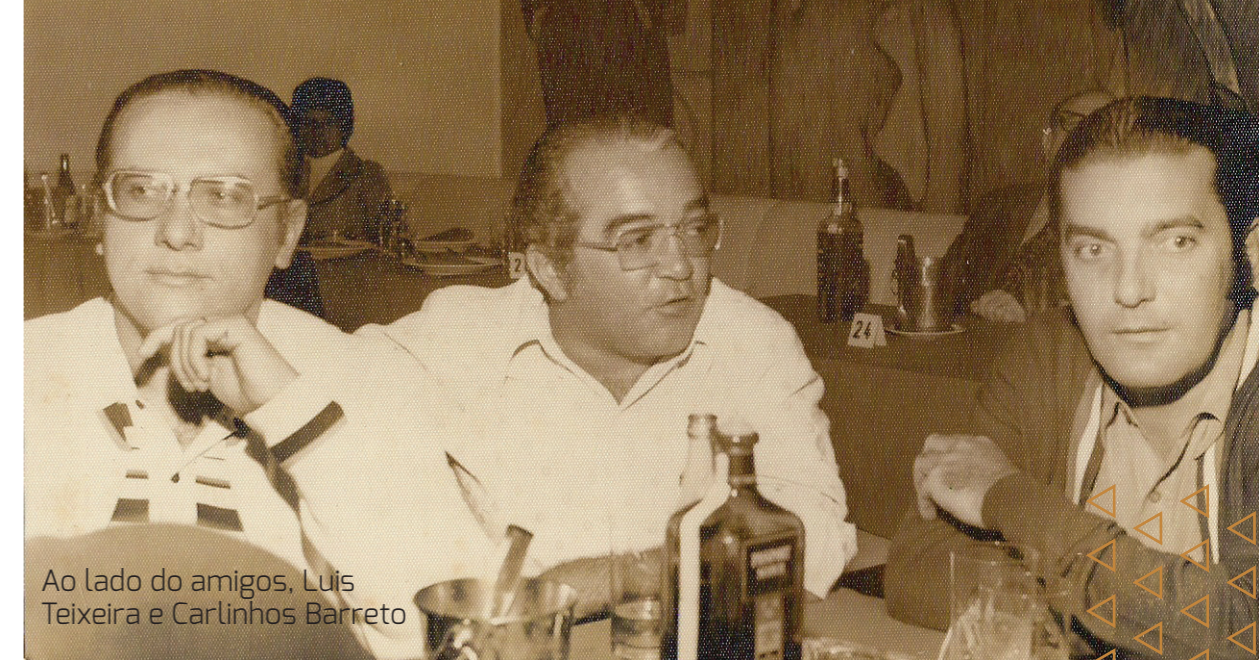
sa dos sessenta, era muito bem recebido. Tinha sido eleito prefeito em 1934 e ficou no cargo até 1941, com um governo muito bem avaliado e os mais velhos falavam com muito respeito.

Foi uma campanha muito bonita. Eu, com apenas quinze anos, me encantava. Jaime Araújo nunca participava desses atos, em razão das suas atividades de professor, mas a tudo acompanhava, atento, desde o roteiro do dia, até a impressão dos "santinhos", ele cuidava dos mínimos detalhes.

O resultado é sabido: as oposições saem vitoriosas em Sergipe. Seixas Dória é eleito governador e faz os dois senadores, Leite Neto e Júlio Leite, que estava fora da Sergipe há quatro anos. Godofredo Diniz é eleito prefeito de Aracaju.

A eleição de Seixas Dória para o quadriênio 1963/66 trouxe muita esperança para Sergipe. Jovem, bem articulado nacionalmente, com uma exposição muito grande na imprensa do Rio e São Paulo.

No governo que se inicia, Jaime Araújo foi nomeado Procurador Geral de Justiça, o chefe do Ministério Público, em 01 de fevereiro de 1963. Durou pouco no cargo. Em maio pede demissão. Não concorda com a nomeação de um promotor sem a observação da ordem de classificação do concurso público. Retoma suas funções nos Correios e no magistério. Neste mesmo ano de 1963, Jaime assume o cargo de Juiz do Tribunal Regional Eleitoral, na vaga da OAB.



Ao lado do amigos, Luis Teixeira e Carlinhos Barreto

Entramos o ano de 1964 com muita incerteza e insegurança. Em primeiro de abril, o golpe militar tem êxito, depois de tantas vezes postergados desde 1954. O governo do presidente Jango cai. O famoso esquema militar do general Assis Brasil, que daria suporte ao governo, não funcionou. Ou não existia. São tempos difíceis, tempos sombrios. As prisões se sucedem. Inicia-se o ciclo dos governos militares, o período mais torpe da história do Brasil. O medo toma conta de todos. As delações são frequentes. As prisões também. O grupo que eu frequentava no Cacique Chá, composto por Ariovaldo Figueiredo, Fernando Nunes, Fernando Porto, Jaime Araújo, Umberto Mandarino, Tertuliano Azevedo era isolado e evitado. Muita gente deixou de ir ao Cacique Chá para não ser vista em nossa companhia.

Em 1966, já estava valendo a nova legislação eleitoral, baixada no final do ano anterior, que criava o bipartidarismo. A Arena é o partido do governo. O MDB a oposição. Em Sergipe todos os trinta e dois deputados estaduais aderem ao partido do governo. Não há oposição na Assembleia estadual. José Carlos Teixeira, deputado federal, aceita o desafio de montar o MDB. Jaime Araújo é convidado para ser candidato a deputado estadual e organizar juridicamente o partido. Convite feito, convite aceito. Jaime trabalha freneticamente para viabilizar o

MDB em Sergipe. A seu pedido, participei com diversos colegas da faculdade de direito como Benedito Figueiredo, Mario Jorge Menezes, Wellington Mangueira, Wellington Paixão, Abelardo Souza e Chico Varela, de Química, dessa estruturação. Em seguida, fomos treinados por Jaime para trabalhar na eleição e na posterior apuração dos votos.

Jaime Araújo, didaticamente, preparou todo o grupo para fazer impugnações, interpor recursos, pedir recontagem e, principalmente, fazer a fiscalização contra as prováveis fraudes eleitorais. Eu segui para Ribeirópolis. Chico Varela foi designado para Moita Bonita, mas teve que dormir em Ribeirópolis. Não havia aonde acomodar Chico Varela em Moita Bonita.

No dia seguinte, no final da eleição, fomos buscar Chico em Moita Bonita. Chico estava morto de fome, não conseguiu comprar comida no comércio local, nem ninguém lhe ofereceu, tal o medo do povo dos "comunistas do MDB".

O resultado eleitoral foi um desastre. A Arena elegeu o senador, Leandro Maciel. Elegeu seis, dos sete deputados federais e 26, dos trinta e dois deputados estaduais.

Para nossa alegria Jaime conseguiu se eleger deputado estadual, assumindo o mandato em 31 de janeiro de 1967. Foi membro da Comissão de redação da Constituição do Estado e da Comissão de Constituição e Justiça da Assembleia.



Jaime discursa durante sua posse nos Correios

O ano de 1968 inicia com muita complicação. O regime militar vivendo profundas contradições. Em 28 de março o estudante Edson Luís de Lima Souto é assassinado no restaurante Calabouço por policiais militares. O crime desencadeia uma onda de protesto em todo o Brasil. Em maio é criada a Universidade Federal de Sergipe, em forma de fundação. Jaime registra o seu protesto. A Universidade deveria ser uma autarquia, preservando sua autonomia. Em agosto, nosso grupo, comigo à frente, ganha a eleição para a diretoria do Diretório Central dos Estudantes.

Em outubro de 1968 realiza-se o XXX Congresso da UNE em Ibiúna (SP) e a presença da representação sergipana somente se viabiliza com as contribuições de Joaquim Sabino Ribeiro Chaves, da Fábrica Confiança, Dom José Vicente Távora, arcebispo de Aracaju e Jaime Araújo.

Com a edição do ato institucional Nº 5, em 13 de dezembro, a situação política da oposição ao regime militar fica mais complicada. Em 29 de abril de 1969, Jaime perde o mandato e tem seus direitos políticos cassados por dez anos, sendo aposentado com vencimentos proporcionais ao tempo de serviço. Tem início o período mais difícil da vida de Jaime. Sem mandato, aposentadoria irrisória e morando de aluguel. Ele havia vendido sua casa na rua Itaporanga para construir outra. Adquiriu o terreno na rua Joaquim Gois,

mas com o fechamento da assembleia e sua posterior cassação ele consumiu o dinheiro da venda do imóvel.

Assistimos a notícia da sua cassação pelo rádio de Freitas, no Cacique Chá. José Carlos Teixeira fez o convite para ele ir para Brasília trabalhar na sua gráfica. Emocionado, agradeceu o convite, mas não aceitou. Jaime sabia que era preciso resistir. Aos poucos foi refazendo sua vida. Sua esposa Maria Maura Fontes Andrade, assistente social, compreendendo o momento difícil que passa o marido, sai em busca de trabalho para ajudá-lo.

É com emoção que me lembro de Maura sempre enfrentando os problemas sem reclamação. Jaime abre sua banca de advocacia e vai à luta. Conta com a solidariedade de José Lauro Menezes Silva, da Empresa Senhor do Bonfim e dos irmãos Luiz e Tarcísio Teixeira, da Norcon.

Com o retorno de Tertuliano Azevedo, que foi morar no Rio de Janeiro para fugir das perseguições políticas com frequentes prisões, para Aracaju, abrem a empresa jurídica Procuradoria e Advocacia Ltda – Procad. Com as desapropriações feitas pela União das terras ribeirinhas do baixo São Francisco, conquistam com o conceito, que ambos desfrutavam o patrocínio de quase todas as causas. Jaime consegue concluir sua casa na rua Joaquim Gois.



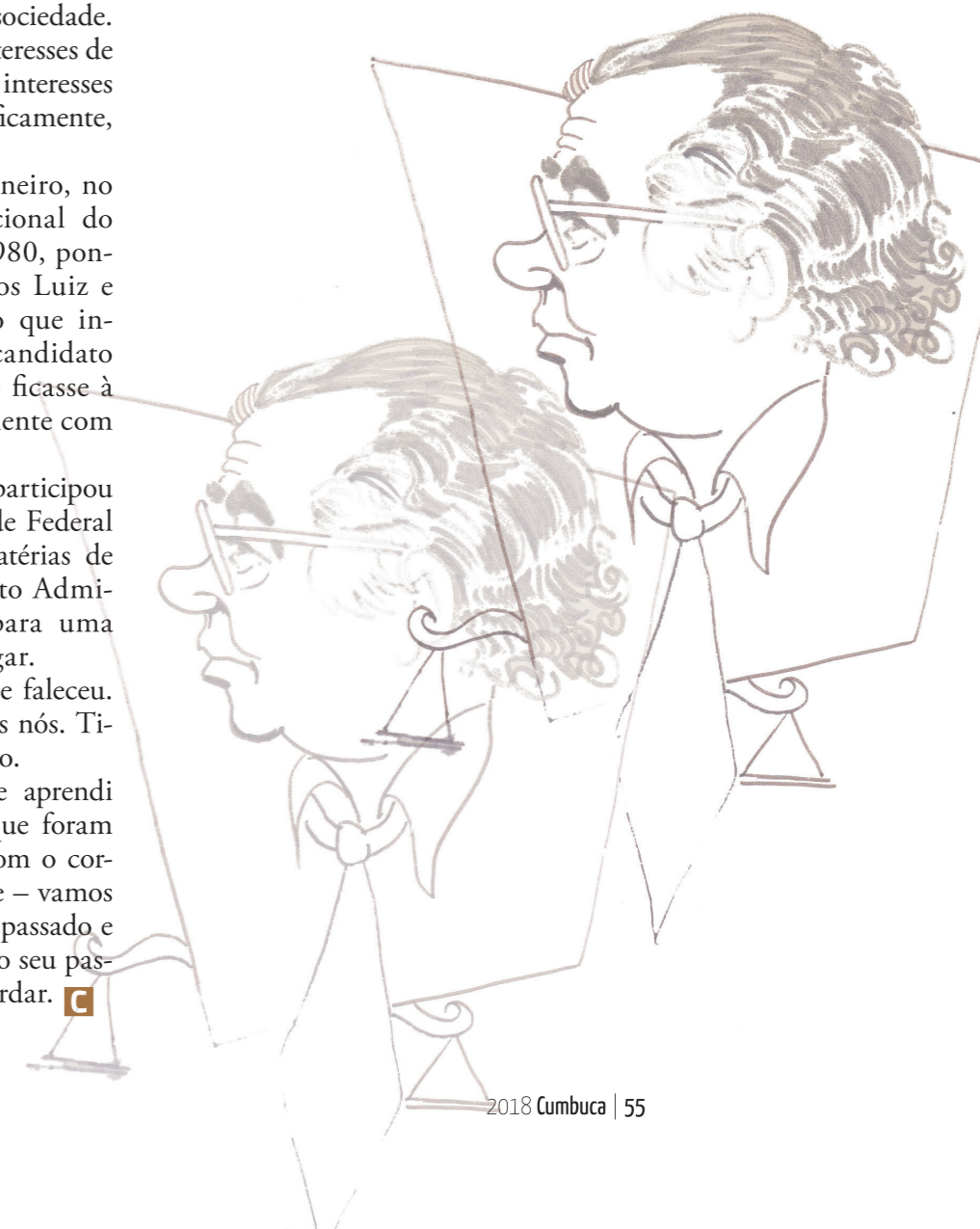
Em 1978, com a eleição de Tertuliano Azevedo para deputado federal, Jaime e Tertuliano resolvem encerrar a sociedade. Na partilha, eu representei os interesses de Tertuliano e Tarcísio Teixeira os interesses de Jaime. Tudo acertado pacificamente, com muito respeito mútuo.

Sua ida para o Rio de Janeiro, no cargo de superintendente nacional do SESI, no mês de outubro de 1980, ponderada por mim e pelos irmãos Luiz e Tarcísio Teixeira, foi um erro que inviabilizou seu retorno como candidato em 1982. Jaime me pediu que ficasse à frente do seu escritório, juntamente com Valdemar Bastos Cunha.

Em maio de 1985, Jaime participou de um concurso na Universidade Federal de Sergipe para lecionar as matérias de Direito Constitucional e Direito Administrativo. Quinze inscritos para uma vaga. Ele passou em quarto lugar.

Em março de 1988, Jaime faleceu. Foi um abalo imenso para todos nós. Tinha por Jaime um afeto de irmão.

Compreendi seus erros e aprendi com seus gestos de grandeza que foram tantos. Hoje sei que na vida, com o correr do tempo – e como ele corre – vamos convivendo mais e mais com o passado e constato que é feliz quem tem no seu passado um Jaime Araújo para recordar. **C**



REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSAS OFICIAIS

Aracaju - 15 e 16 de março de 2018



Abio reúne impressas oficiais na defesa da informação de fé pública

Reunir as impressas oficiais brasileiras na defesa permanente de sua independência e reforçando cada vez mais a sua importância para a democracia da informação. Esta é a principal meta da Associação Brasileira de Imprensa Oficial (Abio), nas palavras do seu presidente, Luiz Gonzaga Fraga Andrade, que também preside a Empresa Gráfica da Bahia (EGBA).

“Quando falamos em democracia da informação, estamos nos referindo ao direito inalienável da sociedade de ser informada também sobre atos e gastos públicos, por exemplo. E ainda é através da Imprensa Oficial que se obtém a maior credibilidade neste aspecto”, afirma Luiz Gonzaga Fraga.

Importância da Imprensa Oficial

Luiz Gonzaga Fraga de Andrade - Presidente da ABIO



“Não há como se pensar em uma sociedade republicana democrática, sem uma sólida imprensa oficial.” A frase, em tom categórico, é um trecho da Carta de Salvador, apresentada ao público no final do X Fórum de Imprensa Oficial de Língua Portuguesa (IOLP), ocorrido no ano de 2015, na capital baiana. O texto comprova que há muito se discute frequentemente a questão da defesa da permanência das imprensas oficiais brasileiras, bem como das demais, nossas irmãs, situadas para além do Oceano Atlântico.

Os representantes dos sete países que assinaram a Carta – de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Brasil – ressaltaram que as imprensas oficiais “asseguram a perenidade dos atos do governo e garantem o sentido de unidade da informação oficial”. O “caráter republicano” do documento, adicionalmente, enfatiza a importância da transparência, perante a sociedade, das instituições públicas nos seus atos e disposições que criam ou regulamentam direitos e obrigações.

Estamos falando em democracia da informação, nos referimos ao direito inalienável da sociedade de ser informada sobre atos e gastos públicos, por exemplo. E a Imprensa Oficial é o baluarte da credibilidade neste sentido. Por isso, nossa luta não para. Reunidos na Associação Brasileira de Imprensas Oficiais (ABIO), estamos permanente-

mente em vigilância em relação a propostas no Congresso que possam vir a fragilizar a força e a importância secular das imprensas oficiais no Brasil.

Além do dever de zelar pela transparência e democracia da informação, as Imprensas Oficiais tradicionalmente prestam serviços gráficos aos órgãos públicos e, em alguns casos, ao público em geral, com preços justos, atuando até mesmo como regulador no mercado gráfico. E ainda avançam, prestando serviços com maior conteúdo tecnológico, como a

Certificação Digital, e Gestão da Informação – com a digitalização, microfilmagem e guarda de documentos. Tudo isso sem contar com a importante produção editorial das imprensas oficiais, dignas de prêmio pela qualidade na forma e conteúdo. Sem dúvida, um grande serviço público disponibilizado à sociedade.

Por isso nos preocupa muito o movimento

contrário à permanência das imprensas oficiais – a mais recente ameaça recai sobre a Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte – o Departamento Estadual de Imprensa (DEI), cuja proposta de extinção chegou a ser anunciada pelo Governo daquele estado que, voltando atrás, reconheceu os

valiosos serviços prestados e a capacidade contributiva ao Erário potiguar. Mesma sorte não tiveram as Imprensas Oficiais de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul, para preocupação de seus cidadãos.

“Além do dever de zelar pela transparência e democracia da informação, as Imprensas Oficiais tradicionalmente prestam serviços gráficos aos órgãos públicos [...]”

A Abio não se cala e manifesta seu temor com o que considera um retrocesso perigoso ao processo democrático e à transparência das informações, sustentados há mais de um século pelas imprensas oficiais. Assim, como quando se termina a leitura desse texto, esperamos “virar a página” também dessa situação de grave ameaça. **C**



O crescimento da Imprensa Oficial de Sergipe

por Ricardo Roriz - Presidente da Segrase



Entre os dias 15 e 17 de março estamos recepcionando os dirigentes das Imprensas Oficiais do Brasil, a quarta que acontece em Sergipe, um marco para a história da Imprensa Oficial do Estado, afinal, discutir a modernização digital dos Diários Oficiais não é tarefa fácil.

Essa será mais uma oportunidade de trocar experiências, de somar forças, de ouvir o trabalho dos dirigentes no tocante ao funcionamento dos parques gráficos, das editoras, dos processos de digitalizações, entre outros. Em cada reunião que acontece trimestralmente, buscamos insistentemente a transparência, a segurança das publicações, a amplitude do conhecimento a quem busca as informações, que se tornaram obrigatoriamente oficiais, publicadas por cada Diário Oficial.

Durante a Reunião, vamos apresentar nossos avanços, a exemplo do processo de digitalização dos Diários Oficiais que estamos desenvolvendo. Com o apoio

do governador de Sergipe, Jackson Barreto, estamos implantando nossa Hemeroteca Digital, investindo em programação, inteligência artificial, tratamento de imagens e conservação de documentos.

Ao todo, através do projeto, serão digitalizados mais de cem anos de história presentes nas edições do Diário Oficial de Sergipe. Além disso, outro ponto a ser observado com o trabalho é a facilidade de pesquisa para os servidores públicos, acadêmicos, historiadores, pesquisadores e sociedade em geral.

É evidente que toda a trajetória da Imprensa Oficial contribuiu com a evolução política, econômica e social de Sergipe. Desde sua fundação, ela vem mantendo e aprimorando seu padrão de qualidade e seu compromisso com a informação e com a transparência, e agora, com a digitalização de todas as edições, será permitido que todos o acessem de forma rápida e democrática.

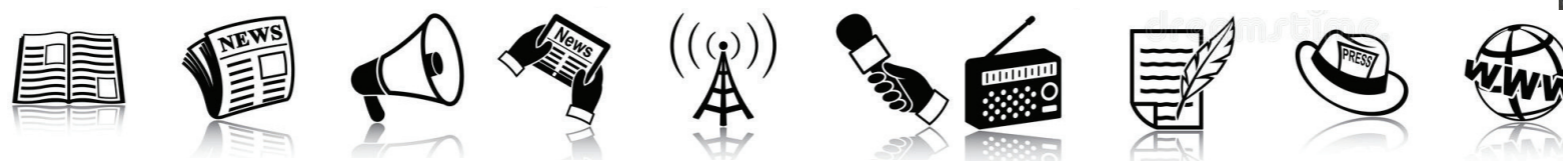
Destacamos também a criação da Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - Edise, em 2009. Seu objetivo principal é desenvolver uma política centrada na propagação da produção literária, divulgando livros, com alto padrão de qualidade, produzidos por autores sergipanos e por personalidades nacionais e internacionais, que promovam a educação, a cultura filosófica, científica e literária e o desenvolvimento tecnológico de Sergipe.

Nesse sentido, a missão da Edise é levar o leitor a aproximar-se da cultura sergipana, através de obras escritas por autores da terra, as quais exibem os costumes e as crenças do povo local, além de oferecer livros de importantes personalidades que contribuíram para que a história do Brasil fosse escrita, abrindo assim, as portas para o conhecimento dos fatos que marcaram o nosso país.

Considerando a importância do crescimento e divulgação da Edise, o Governo do Estado, por meio da Diretoria Executiva da Empresa de Serviços Gráficos de Sergipe, Segrase, vem investindo fortemente na participação da Editora em importantes eventos, tais como a Bienal Internacional do Livro, Feiras de livros

nacionais e internacionais, exposições no Brasil e no exterior, além da divulgação das obras e do trabalho realizado pelos autores na imprensa e nas redes sociais, através da sua assessoria de comunicação.

Ricardo Roriz, Presidente da Segrase



Lançamento de livro editado pela EDISE



No tocante a modernização, a Editora ampliou e democratizou suas atividades com a criação de uma livraria virtual, possibilitando que qualquer leitor obtenha dados sobre cada livro editado e lançado. Outro investimento da Edise foi o lançamento de e-books, mais conhecido no Brasil como livros digitais. Hoje a Editora conta com cinco livros neste formato, além de todas as edições da revista Cumbuca – de publicação trimestral que chega a sua 17ª edição em março deste ano. Destaco ainda a gratuidade de todos esses e-books.

Este ano a meta é informatizar todo o parque gráfico para que a gente possa ter competitividade e qualidade e assim atuar fortemente no mercado editorial do Brasil.

Obras da Edise na Bienal Internacional do Rio de Janeiro



Processo de digitalização do acervo

S SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE Segrase

Partindo da necessidade de se publicar os atos oficiais do governo do Estado em jornal próprio, a Imprensa Oficial de Sergipe foi criada em 1895. A 8ª província brasileira a possuir um jornal impresso, foi o 9º estado a ter o Diário Oficial, propondo em seu primeiro exemplar ser uma manifestação “isenta de interesses particulares, a serviço do Estado e para o bem do povo”.

A Lei nº 104 de 5 de dezembro de 1894, assinada pelo presidente de Sergipe da época, Manoel Prisciliano de Oliveira Valadão, autorizou a fundação da Imprensa Oficial do Estado de Sergipe. Sancionada a lei, em 24 de agosto de 1895, entra em circulação o primeiro número do Diário Oficial do Estado de Sergipe, em 1º de setembro do mesmo ano.


Depois de três anos de circulação o Diário Oficial esteve extinto por conta da precariedade da Imprensa Oficial. Neste período, as gráficas foram anexadas às oficinas do Instituto Profissional Coelho e Campos, criado por importante político sergipano de mesmo nome. Muitos jornais sergipanos atuaram como oficiais nesta época, como por exemplo, O Estado de Sergipe, Jornal do Aracaju e o Republicano.

Em 1919, o Diário Oficial do Estado de Sergipe volta a circular. É nessa fase que o Diário começa a estampar o brasão do Estado, criado pelo professor Brício Cardoso e oficializado pela Assembleia

Legislativa em 5 de julho de 1892. Além de noticiar os atos oficiais do Estado, o Diário sempre se destacou por suas notas de comércio e cultura, crônicas, poesias e coberturas de eventos importantes, além de propaganda de filmes, assuntos da sociedade e muitos outros.

Muitos personagens ilustres da nossa terra marcaram presença à frente da Imprensa Oficial de Sergipe, como o Coronel João Menezes, primeiro presidente, Gentil Tavares da Mota e Clodomir Silva. O Diário Oficial cobriu dois dos acontecimentos mais importantes do nosso país em diferentes épocas. Noticiou os conflitos da Guerra de Canudos com coberturas diárias e correspondências com outros jornais até o extermínio do bando de Antônio Conselheiro, e ainda a visita, em 1933, do Presidente da República Getúlio Vargas, que percorria todo o país, no estado de Sergipe criou a Associação Sergipana de Imprensa - ASI.

Na edição do Diário Oficial de 23 de outubro de 1969, o governador Lourival Batista, por meio de decreto-lei, transformou a Imprensa Oficial em Empresa Pública dando origem à Segrase.

Há 123 anos, a Imprensa Oficial do Estado de Sergipe carrega em sua trajetória a memória do Estado, pois a legitimação dos atos governamentais somente é adquirida após publicação no Diário Oficial. 

MEU CAMINHO

PELA ABIO...

por **Milton Alves**

Diretor Industrial da SEGRASE



Milton Alves

fiz isto, eu penso assim e eu trouxe aqui ideias para todos aprovarem. O estatuto como eu idealizei ficará enxutinho... ninguém vai reclamar.

Voz mansa, português clássico, Francisco Pedalino atraía para ele as atenções. Não se ouvia burburinho de reprovação na pequena sala da reunião. Todos atentos, como alunos ouvindo a professora primária. Pensei: qual seria a reação daqueles dirigentes que eu estava a conhecer, na primeira reunião da Abio que participava? O Brasil era, como hoje, uma salada partidária e os estados estavam ali igualmente representados. Eu orgulhoso porque Sergipe era governado pelo PT, como os outros, sim, do DEM, PSDB, PDT, PSB.

- Presidente, por favor! Depois de tantas lutas, depois de resistirmos heroicamente, ainda lamentamos mortes e desaparecimento de camaradas que o Governo Brasileiro não reconhece, esses vítimas da Ditadura Militar. Aqui está parecendo um porão da ditadura, de tanto o senhor falar na primeira pessoa. Aqui, presidente, é um coletivo. Aqui há diferentes matrizes ideológicas. Por que não falarmos nós pretendemos refazer o estatuto da Abio, que contribuição cada um pode dar?

As frases eram tão pessoais... eu, eu, eu... que causaram indignação. Na primeira reunião da Associação Brasileira de Imprensa Oficial que participei, em Goiânia, 2007, foi o então presidente da Abio (e presidente da Imprensa Oficial de Minas Gerais), Francisco Pedalino, quem causou mal-estar. Discutia-se a reformulação do estatuto da entidade e ele sem mudar a fala: eu

Senti-me um espelho. Todos olharam para mim. Uns baixavam a cabeça e cochichavam. Nada se ouviu. Francisco Pedalino olha para Samir Maalouf, Secretário Executivo da Abio, e pergunta-lhe: quem é esse dirigente? De qual estado? “É Milton Alves, da Imprensa Oficial de Sergipe. O estado dele é governado pelo PT”, – Respondeu Samir. Ouvi a resposta e abri um singelo sorriso. Bem retomou a palavra, o presidente da Abio me interrogou: o senhor pode fazer parte do grupo que estudará a reforma do estatuto? Respondi-lhe: sim.

A reunião seguiu mais coletiva. No intervalo para o almoço, Francisco Pedalino me convidou para sentar à mesa dele. Foi gentil, atencioso. Na conversa contou pedaços da vida dele, formado em Direito, procurador, homem do campo com criação bovina – parte para a produção leiteira – e área de plantio de café. Um homem muito ligado à política mineira... próximo à família do ex-presidente Tancredo Neves. Tornou-se uma das melhores companhias que encontrei na Abio.

O sobe e desce de avião se tornou frequente para mim – ora para reuniões ordinárias da Abio, ora para reuniões

técnicas e temáticas. São Paulo foi a primeira escala. Lá, na sede da Abio, encontrei Francisco Pedalino, Samir Maalouf, Fernando Tolentino (então presidente da Imprensa Nacional) e Luiz Eduardo Oliva (que dirigiu a Imprensa Oficial de Sergipe no período de 2007 a 2011). Pauta: a reformulação do Estatuto da Abio. De lá saímos com o esboço do documento, aprovado logo depois.

A sobrevivência das imprensas oficiais e como modernizá-las passaram à pauta obrigatória da Abio. São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia e Pernambuco estavam na linha de frente dos investimentos e modernidade. As ajudas técnicas se tornaram rotina, como o intercâmbio para



Francisco Pedalino, ex-presidente da Abio.

“É a quarta reunião ordinária da Abio em Aracaju que um dia, o ex-presidente da Imprensa Oficial de Sergipe Jorge Carvalho, cravou: “somos passado e presente na História da Abio”

conhecimento, favorecendo os funcionários das imprensas de menor porte. Mas hoje há o desconforto do fechamento de algumas das mais importantes imprensas oficiais.

Vivi intensamente a luta dos funcionários da IOMG – Imprensa Oficial de Minas Gerais – contra o processo, danoso sobre todos os aspectos. Uma imprensa que era lucrativa e que cumpria seu papel e pelo mesmo ângulo operacional e financeiro vimos bater as portas da Imprensa Oficial do Rio Grande do Sul – Coreg. Outras, de menor porte, foram

reduzidas a simples departamentos. Há resistência... e essa resistência tem garantido avanços tecnológicos, assegurando a troca de edições dos Diários Oficiais em papel para edições eletrônicas.

Em dezembro de 2012, o então governador de Sergipe, Marcelo Déda, deu esse toque tecnológico. O Diário Oficial de Sergipe deixava seu tempo impresso para se tornar eletrônico. De 850 exemplares por dia, hoje a edição impressa se restringe a 20 exemplares. E todo maquinário foi direcionado para atender as demandas da Editora Diário Oficial de Sergipe – Edise. Com isto a produção literária em Sergipe ganhou fôlego, com estímulo do governador Jackson Barreto de Lima. Aqui e acolá os diários eletrônicos estão surgindo. Novos tempos!

As reuniões da Associação Brasileira de Imprensas Oficiais são o salão de reencontro de dirigentes, às vezes levados à surpresas com o aparecimento de um novo integrante, comum no processo nomeia e exonera dos cargos de confiança, regra em todas as empresas estatais. Mas nesse vai-e-vem ficam boas lembranças, cativadas por questões pessoais, ideológicas ou par-



No morro de Dona Marta, Rio



Albiege Fernandes, presidenta da Imprensa Oficial da Paraíba.

Fernando Tolentino, ex-presidente da Abio



Grupo de dirigentes da Abio ao final de reunião

tidárias. Há outras surpresas: a decisão de alguma imprensa oficial de se desfilar da Abio. Foram os casos de São Paulo e Rio de Janeiro, que depois retornaram.

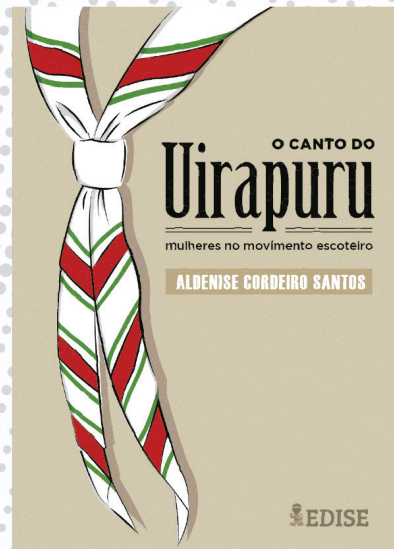
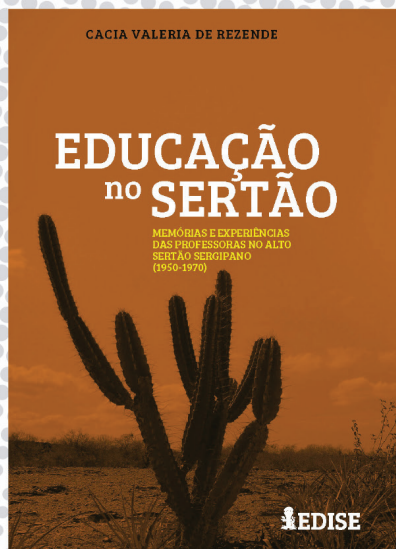
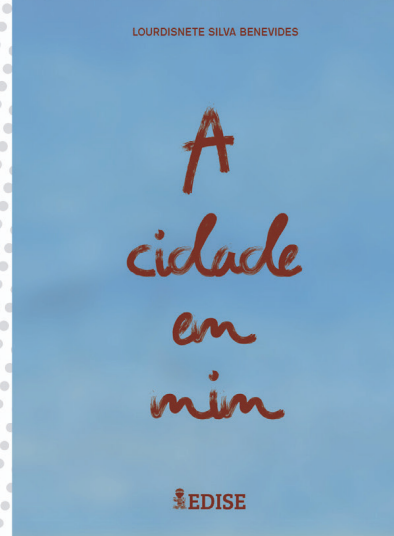
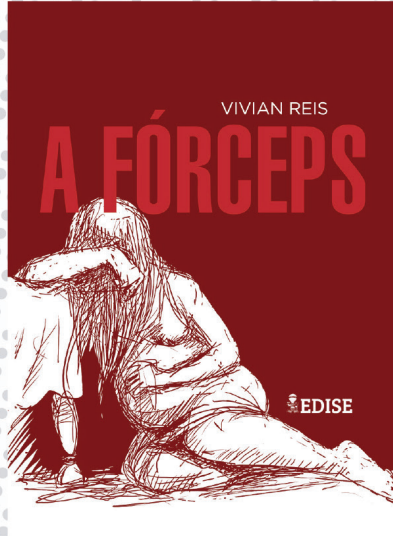
Revejo esse tempo de vivência com dirigentes da Abio e lembro de agradáveis encontros, reuniões e acalorados debates. Tempo esse que se iniciou num “confronto” com Francisco Pedalino, que se mostraria para mim um rio calmo, transparente. As lições políticas de Fernando Tolentino, que embora desconhecidos e distantes, fomos personagens na resistência política brasileira. Hoje, a Abio nos acalenta com homens e mulheres que são ases

no comando de uma imprensa oficial: Luiz Gonzaga, Ricardo Melo, Albiege Fernandes, Jorge Narciso.

Agora, os dirigentes vão se encontrar em Aracaju. É uma nova oportunidade que terão para intensificarem debates sobre o amanhã de cada imprensa, sustentando a transparência de cada informação e atos. É a quarta reunião ordinária da Abio em Aracaju que um dia, o ex-presidente da Imprensa Oficial de Sergipe, Jorge Carvalho, cravou: “somos passado e presente na História da Abio”, o que para o presidente, Ricardo Roriz, é tudo para que os convidados sintam-se felizes e em casa. **C**



“A EDISE tem a grande
satisfação em fazer
parte dessas histórias”.



www.segrase.se.gov.br/edise

 /segrase  @segrase

 segrase@segrase.se.gov.br

Rua Propriá, 227 - Centro - Aracaju/SE

Tel: 79 3205 7421

Tenha nossos livros em sua casa.
Compre pelo site: www.segrase.se.gov.br

